

Leia o texto retirado da matéria “Rússia e suas raízes muçulmanas”, da revista Le Monde Diplomatique (Abril de 2008)

Desde então, Putin e outros dirigentes russos, entre eles o ministro de Relações Exteriores, Serguei Lavrov, fazem questão de afirmar que a Rússia, “de certa forma, integra o mundo muçulmano”. Numa entrevista concedida à *Al Jazeera*, em 16 de outubro de 2003, Putin ressaltou que, contrariamente aos muçulmanos que vivem no Leste Europeu, os que moram na Rússia são autóctones. Ele afirmou até mesmo que a presença do Islã no território russo é anterior à do cristianismo...

É sobre essa base que Moscou reivindica uma relação política privilegiada com o conjunto do mundo árabe e muçulmano. As lideranças russas parecem acreditar que seu país, considerado um Estado principalmente europeu, tem uma missão histórica a cumprir como mediador entre dois mundos, o ocidental e o muçulmano.

Três grandes razões podem explicar o sentido e o alcance dessas reivindicações e das políticas relacionadas a elas. Antes de tudo, a pretensão russa visa enfrentar os efeitos deletérios da guerra da Chechênia, tanto em seu próprio território como no resto do mundo. O objetivo é o de evitar, ou pelo menos limitar, a polarização entre a maioria étnica russa e os muçulmanos que moram no país, reforçando o sentimento destes últimos em pertencer ao Estado. “É preciso impedir a islamofobia”, afirmou Putin na mesma entrevista. Uma tarefa difícil quando se decide empreender uma caça – não só na Chechênia – a todos os fundamentalistas muçulmanos, ainda que alguns sejam considerados apenas suspeitos. “O terrorismo não deve ser identificado com nenhuma religião, cultura ou tradição”, garantiu ele.

Se antes e pouco depois dos ataques de 11 de setembro de 2001 Putin designava os rebeldes chechenos sistematicamente como “terroristas fundamentalistas muçulmanos”, agora ele fala de “terroristas ligados a redes internacionais de traficantes de droga e armamentos”, evitando assim a freqüente referência ao Islã.

A busca de uma ligação privilegiada com o mundo árabe e muçulmano tem, em segundo lugar, o objetivo oficial da política externa russa de “reforçar a multipolaridade no mundo”. Leia-se: sustentar e desenvolver pólos de resistência à hegemonia e ao unilateralismo dos Estados Unidos. Trata-se de tirar vantagem da hostilidade geral diante da política externa de Washington no conjunto do mundo árabe e muçulmano. Desde a URSS os russos já se apresentavam como aliados naturais dos Estados árabes antiimperialistas e de “orientação socialista”. E, após a queda do Muro de Berlim, procuraram estabelecer relações políticas fortes não apenas com o Irã e a Síria, mas também com a Arábia Saudita, o Egito e a Turquia, havia muito tempo próximos dos Estados Unidos.

Fonte: Revista Le Monde Diplomatique. Disponível em:

<https://diplomatique.org.br/russia-e-suas-raizes-muculmanas/>. Acesso em 15 de abril de 2019.

Leia o texto retirado da matéria “O lobo do Cáucaso”, da Revista Super Interessante (outubro de 2016) - com adaptações.

O mundo assistiu atordoado a mais um capítulo na guerra suja entre o governo russo e os separatistas chechenos, que lutam pela independência da pequena república do Cáucaso. A tensão na região da Chechênia já dura 500 anos e se explica por duas vertentes: uma religiosa, outra econômica. O palco da tragédia, uma área montanhosa na Ásia Central, entre os mares Negro e Cáspio, é o ponto de contato entre duas civilizações: de um lado, a eslavo-ortodoxa, representada por populações de origem russa, do outro, a islâmica, composta por mais de 20 povos. A parte sul (Transcaucásia) inclui a Geórgia, a Armênia e o Azerbaijão, países conhecidos como Repúblicas do Cáucaso. Ao norte, na Ciscaucásia, existem oito repúblicas e regiões autônomas que integram a Federação Russa, entre elas a República da Chechênia, a Inguchétia e o Daguestão.

O interesse econômico externo sempre foi, desde o século 14, pelo controle dos vales, das águas e das raras passagens entre as montanhas, rotas do comércio entre a Ásia e a Europa. Hoje, são os oleodutos que atravessam o Cáucaso, ligando as reservas de petróleo e gás no Azerbaijão e Cazaquistão a Moscou e aos portos da Europa, que se tornaram assuntos estratégicos.

Com picos superiores a 5 mil metros, as montanhas do Cáucaso também ajudam a explicar o conflito. As poucas vias de acesso induziram o isolamento político e as rivalidades que caracterizam a região.

Fonte: Revista Super Interessante. Disponível em:
<https://super.abril.com.br/historia/o-lobo-do-caucaso/>. Acesso em 14 de abril de 2019.

MAPA POLÍTICO DA REGIÃO DO CÁUCASO

Mapa geopolítico da região do Cáucaso (2008)



Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Caucasus-political_pt.svg, Acesso em 12 de abril de 2019.

Mapa da Chechênia



Wikimedia Commons (adaptado)